

17 de Outubro 2016

## Angola tem uma visão sustentável de longo prazo

Nhuca Júnior

Um verdadeiro amigo de Angola. A afirmação reflecte o percurso de Allan Cain, um arquitecto urbanista canadiano, que, quando tinha 29 anos, em 1980, largou projectos profissionais no seu país para se dedicar a tempo inteiro a Angola, onde se estabeleceu, até hoje, com a organização não governamental Development Workshop, com larga experiência na área de assentamentos humanos



A sua ligação a Angola começou quatro anos antes, em Junho de 1976, quando manteve contactos com a delegação angolana que participou, em Vancouver, no Canadá, na primeira conferência da ONU sobre Habitação e Desenvolvimento Urbano Sustentável, um evento realizado a cada período de vinte anos. O responsável pela sua vinda ao país foi o já falecido José Luís Guerra Marques, que integrou, na qualidade de director-geral do Laboratório de Engenharia de Angola (LEA,) a delegação angolana a Vancouver, chefiada pelo primeiro ministro da Construção da Angola independente,

Manuel Resende de Oliveira, que ficou no cargo até 1978.

O canadiano não se arrepende até hoje da decisão que tomou há 36 anos por uma razão que invoca quando fala com entusiasmo sobre o país acolhedor, onde nasceram os seus dois filhos, um há 35 anos e outro há 30. Allan Cain, hoje com 65 anos, já era um assumido admirador da luta de libertação nacional, mas o respeito que tinha pelos angolanos aumentou profusamente quando soube da presença, em Vancouver, de uma delegação de Angola, que ainda não tinha completado

um ano como nação independente. A presença de Angola no evento global, sete meses depois do alcance da Independência, foi, para Allan Cain, um facto demonstrativo de que os dirigentes do novo Estado africano desejavam resgatar rapidamente a dignidade de um povo que havia sido colonizado durante 500 anos.

“O meu compromisso com Angola também se deve ao facto de ter feito um grande sacrifício para libertar outros países da região”, afirmou Allan Cain, que disse ter sido Angola “o único país em África que estava realmente a dar suporte concreto aos movimentos de libertação.” A sua vinda a Angola foi uma resposta ao convite que lhe foi formulado por José Luís Guerra Marques, para a Development Whorkshop ajudar o Governo angolano a materializar as primeiras estratégias urbanísticas.

“O convite foi baseado nesta procura de parceiros”, acentuou Allan Caine, na conversa descontraída com o Jornal de Angola, lembrando “o nosso engajamento em Angola iniciou realmente com esse problema - que era tratar dos novos desafios urbanísticos.”

“Fomos identificados como parceiros disponíveis para colaborar”, salientou o arquitecto canadiano da Development Whorkshop, que este ano integra, à semelhança de 1996, como organização da sociedade civil, a delegação angolana que participa, a partir de hoje, na terceira conferência da ONU sobre Habitação e Desenvolvimento Urbano Sustentável, onde vai ser aprovada uma Nova Agenda Urbana. A sua vinda ao país podia ter acontecido mais cedo, mas foi atrasada por causa da invasão, em 1977, pelo então governo racista da África do Sul, do sul de Angola, onde as autoridades angolanas desejavam colocar a Development Whorkshop para desenvolver um programa de habitação social de baixo custo.

Em 1980, quando chegou finalmente, foi

enviado para o sul de Angola, com o objectivo de fazer um diagnóstico, que deu origem a um programa de formação de quadros e a um outro de habitação social, nas províncias da Huíla, Cunene, Huambo e Benguela, mais tarde interrompidos por causa do recrudescer da guerra. No ano seguinte, regressou a Luanda, onde instalou o escritório da Development Whorkshop, a fim de trabalhar com a Direcção Nacional de Urbanismo num programa para fazer face ao êxodo do campo para as cidades, devido à guerra. Em Luanda, esteve envolvido na execução do primeiro programa-piloto de auto-construção dirigida, desenvolvido nas zonas do Cazenga e da Mabor. Além disso, Allan Cain se deslocou também, várias vezes, aos municípios da Matala e do Quipungo, província da Huíla, onde participou na criação de condições de alojamento de deslocados angolanos e de refugiados namibianos e sul-africanos em campos criados para o efeito. “A nossa contribuição durante os anos de conflito armado serviu para ajudar a criar lições em termos de participação comunitária”, lembrou o especialista em urbanismo, que disse terem sido também feitas “muitas coisas em termos urbanísticos”, como, por exemplo, a criação, em 1986, do Gabinete de Reconstrução dos Musseques, um projecto reaproveitado 25 anos depois com a criação do Gabinete Técnico de Reconversão Urbana do Cazenga, Sambizanga e Rangel (GTRUCS). “Trouxemos a Angola boas experiências, boas práticas internacionais, em termos de melhoramento dos musseques, das zonas precárias”, afirmou o arquitecto canadiano, que disse ser visão da Development Whorkshop a promoção de uma estratégia para a habitação urbana, na qual são defendidos direitos socioeconómicos, incluindo o direito ao acesso à água, saneamento, terra e habitação, no âmbito de um conceito chamado de “direito à cidade” para todos e de forma inclusiva, sem discriminação social nem económica, uma visão que as

organizações da sociedade civil influenciam junto dos governos em todo o mundo.

Desde que Angola alcançou a paz, há 14 anos, o Executivo está a investir com uma visão de longo prazo sustentável, salienta o arquitecto urbanista, destapando uma realidade que ainda se vive mesmo em ambiente de paz: “o crescimento populacional nas cidades não parou com a paz.” O arquitecto, que afirma não estar cansado para se reformar já, dedica-se, quando encontra algum tempo, a escrever sobre as suas experiências, com os textos a serem publicados, sobretudo, no website da organização, além de ensinar jovens estudantes de Arquitectura e Urbanismo em palestras semanais nas instalações da organização não governamental, agora de direito angolano.